

# África

**A presença da Obra da Rua em África tem intenção reparadora também**

**C**ORRIA o segundo semestre de 1977 e vivia-se ainda a euforia da independência. Angola, então invadida pelos «Países Amigos» que lideravam não apenas nas áreas militares e da Saúde, mas em outras do campo económico, tinha em Malanje, nos sectores da Agricultura e da Veterinária, técnicos qualificados da Europa de Leste, agora tão sofrida. Gente boa e ávida de uma convivência que satisfizesse as suas necessidades culturais, pouco mais encontravam no vazio da cidade do que aquele pequeno oásis que sempre foi a nossa Casa. Padre Telmo acolhedor como raros; a vida da Comunidade com estabilidade de razoável nível — atraíram-nos e eles ali estavam com muita frequência.

A «conveniência política» nunca morou dentro dos nossos muros. Ali todos eram homens de inteligência livre que debatiam a realidade envolvente sem tabus. Deles ouvimos: — Nós não estamos aqui fazendo nada nem conseguiremos fazer. Não entendemos a linguagem deste Povo nem eles a nossa. Só vocês...

O obstáculo que eles referiam não era a língua; era a linguagem e esta é, por sobre a língua, uma capacidade anímica de entendimento recíproco.

Passaram vinte e um anos. Os «ventos da História» continuaram a soprar e muitas vezes mudaram de sentido. Quase todos estes homens da Europa de Leste partiram. Mas nem a minha fraca memória esqueceu estas palavras nem elas perderam a actualidade.

Quando, a quinzena passada, terminava perguntando: «Quem dará voz ao Povo de Angola? Quem lhe comunicará força?» — insinuava que o papel primeiro e o mais premente de fecundidade pertencia à Igreja, às Igrejas Cristãs que lá vivem e dão vida; mas deixava em aberto, e em contraponto às outras duas hipóteses interrogadas, a d'«este pequeno país que somos, que tão precipitadamente e mal se demitiu de obrigações seculares e onde, apesar de tudo, morará, talvez, o maior pequeno resto dos que amam Angola e o seu Povo».

Como cidadão deste pequeno país que somos, pesa-me a demissão de obrigações seculares que nos tornou, sem vislumbre de mudança, principal culpado nos sofrimentos profundos de um Povo que chamamos de Irmão; e angustia-me a ausência de vontade coerente do Poder e de esforços sinceros para que eficazes, de uma reparação.

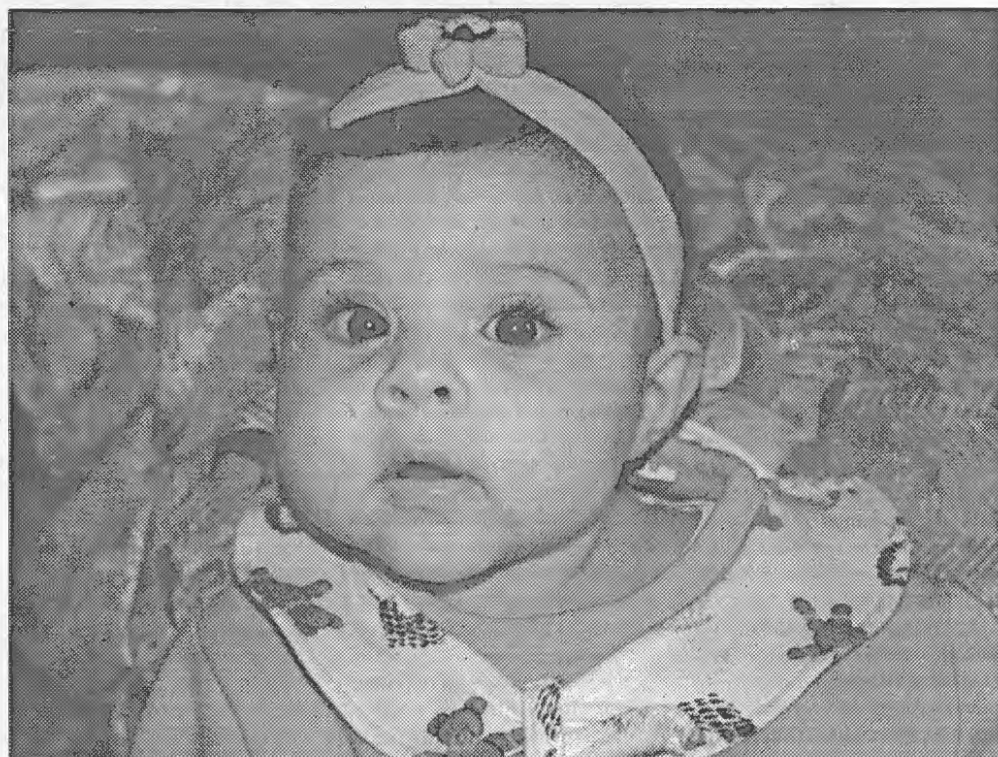
A presença da Obra da Rua em África tem, também, esta intenção reparadora. O muito bem que de nossas Casas irradia (todavia uma

pequena gota no oceano, com uma virtude pouco mais que exemplar) é fruto exclusivo da consciência fraterna e da generosidade do Povo português. Nada de nada devemos ao Poder. E se «os grande Poderes económicos» — como dizia graciosamente um dos nossos Padres — «não têm vocação missionária», já assim não deveria ser do Poder político, que havia de demonstrar, em pensamento e acção, outra postura. Mas não. Em acções avulso, algumas de sabor folclórico, recheadas com o vazio de retórica abundante, em viagens repetidas sem finalidade proporcionada, gastam-se energias, verbas que poderiam produzir, a prazo, efeitos salutares de bem e de verdade. Verdade — quão longe ela anda da vida social!

Sonho que o nosso acto reparador teria de passar por uma decisão, decerto difícil de pôr em prática por resistências de muitos quadras, mas de tentar com verdade, a qual seria um novo «para Angola, depressa e em força», agora não de militares a defender a nossa soberania, mas de trabalhadores, mesmo sem grandes qualificações, a ajudar os seus irmãos angolanos, pelo trabalho, a uns e outros indispensável, na recuperação de uma soberania que eles ainda não conhecem. De modo que se preparassem eles mesmos (não em cimeiras onde altos, estranhos e indevidos interesses se intrinsecam) para uma fundamental decisão que lhes pertence: definir a sua Pátria, porventura em contornos diferentes daqueles que a Conferência de Berlim traçou. Ou permanecerá inamovível a fatalidade de pensamentos alheios à vontade e à natureza dos Povos a teimarem em Nações unas e únicas «desde o Minho até Timor»? Pecosos velhos há muito e muitas vezes condenados e outras tantas retomados!

Venho pesaroso de tantas ausências de Portugal em Angola! Nem que a presença se cingisse ao espaço da língua e cultural!... Em Luanda passei por uma grande edificação a crescer. «É a Escola Francesa» — me disseram. Ao lado, no caos de um campo abandonado, terreno reservado para a Escola Portuguesa.

Padre Carlos



A Jessica, da Helena e do Alfredo («Vila Real») que aqui se fez homem, como tantos outros!, e que ora muito amam os seus filhos.

SETÚBAL

## Aflicção de duas vicentinas

**L**EVADO pela aflicção de duas vicentinas subi a serra por caminhos poeirentos de barro seco, estreitos e sinuosos. Ia, como sempre faço, averiguar uma situação humana com os meus olhos e a experiência colhida ao longo dos anos. Aquelas senhoras vicentinas revelaram-se-me como autênticos anjos da guarda dos Pobres, amarguradas, há muito tempo, pela incapacidade de resposta dos serviços oficiais à desgraça de duas crianças.

Eram filhas de uma demente e de um irmão da louca.

A mais nova, de quatro anos, estava ainda agarrada ao colo da mãe, que, apesar de néscia, não perdera o instinto maternal. Sentada no chão térreo da habitação miserável, abraçava ternamente o fruto das suas entranhas,

como se ele tivesse apenas quatro meses. Era a força da natureza, afirmando-se pura e sem entaves, livre de culturas ou preconceitos.

O mais velho, com seis anos, não sabia ainda contar até dez. Mostrando-me as rolas do seu avô numa tosca gaiola, ali ao lado, contava-as embevecido de alegria um, tes, cinco...

Claro que a sua casa era a nossa e a nossa tinha mesmo de ser a sua. Os seus familiares tínhamos de ser nós porque não tinha ninguém capaz.

Dar a vida por estas crianças é a nossa paixão de há muitos anos, sem procurar outra recompensa que não seja continuar a dá-la mais perfeitamente.

Continua na página 3

## BENGUELA

**As crianças no centro das nossas atenções**

**P**OR estes dias, a Criança voltou ao centro das atenções. Falaram nela os meios de comunicação social. Altos responsáveis públicos também falaram. Foi a propósito do Dia Mundial da Criança. Diz-se, e é verdade, que o futuro dum povo está nas crianças. Mal vai a nação que não investe forte nesta área social. Sempre temos dito e continuamos a dizer que a criança é inseparável da família. Onde há famílias normais,

por regra, há crianças normais. O contrário também se aplica. A abundância de filhos que vagueiam pelos bairros, entregues à sua sorte, são o sinal da falta de lares a que se deixem prender. Quando o filho se prende à família é porque encontra nela o que precisa. E, quando foge, volta ao seu lar. A família põe marcas profundas nos filhos. A família unida, estável, gera e cria, por regra, filhos equilibrados. São uma verdadeira riqueza da nação. Pelo contrário, uma família desintegrada põe sementes de desagregação nos próprios filhos. Vivemos esta verdade no nosso dia-a-dia.

Angola é um país de crianças. Elas são por todos os lados. Nascer muitas. Também nascem muitas, de qualquer maneira. Também morrem muitas, de qualquer maneira. E como crescem muitas? De qualquer maneira, também. É preocupante esta situação. E é tanto mais preocupante quanto nascem, na maior parte, fora duma família organizada.

Que trabalho imenso a fazer junto dos jovens e das famílias que vivem o seu matrimónio! Que trabalho imenso a fazer, por exemplo, no sector da habitação, para que diminua a promiscuidade que entra tam-

bém na degradação das crianças! Como podem elas prender-se, por pouco que seja, à sua casa, se não há um mínimo de condições? Mesmo dentro da maneira de ser do povo, tem de haver algo que prenda os filhos ao seu lar. Eu não consigo ver. Daí, a rua é o lugar onde passam a maior parte do tempo.

Esta maneira de pensar levamo-la para a vida. Queremos criar um ambiente bom para que estes filhos que estão connosco se sintam presos e deixem a nossa Casa quando entrarem na sua nova família. Este é o ideal. O que queremos para

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**FLAGELO MILENÁRIO** — Ajudamos um doente, vítima dum conjunto d'afecções que resultam do abuso do álcool.

Como é um *excluído*, assim classificam agora quem se marginaliza ou é marginalizado, suprimos-lhe carências alimentares numa *tasca*.

Recentemente foi internado, com tuberculose, numa unidade hospitalar. Melhorou. Passou ao *ambulatório*, e, como remédio também, precisa de boas refeições...

Abordámos, novamente, a senhora que o servia, neste aspecto, de conta dos nossos Leitores. Aceitou, mais uma vez, «*dar de comer a quem tem fome*»; no caso vertente, procurando respeitar regras de prevenção.

Entretanto, e casualmente, lemos o pequeno trabalho dum responsável pelo serviço de pneumologia dum grande hospital do País; aliás, Catedrático na respectiva Faculdade de Medicina. Foi escrito para os *media*, do qual retalhamos o seguinte — com a devida vénia:

«(...) A tuberculose encontra o seu terreno mais propício nas populações mais pobres, vivendo em más condições socioeconómicas, nos grupos marginais de alcoólicos e toxicodépendentes, embora também nas camadas sociais mais privilegiadas.

Em Portugal, a incidência mantém-se sustentadamente alta — mais de 50 casos novos por 100 mil habitantes — bem superior à dos restantes países europeus e mais de três vezes superior à média dos países da União Europeia.

A própria evolução mostra que o combate não produziu os efeitos esperados, mantendo-se sempre níveis muito elevados. Em 1993 foi ainda responsável por 300 mortes em Portugal. Também se verifica que a distribuição dos casos de tuberculose por distrito é mais desfavorável no litoral, sendo o Porto o distrito com pior situação epidemiológica. A distribuição por grupos etários mostra que são os adultos jovens os mais atingidos, como é próprio dos países com baixo nível de controlo da tuberculose, sendo bacilíferos mais de 50%.

(...) A alta incidência no distrito do Porto é elucidativa da importância da luta organizada contra a doença. Neste distrito, as condições sociais, nomeadamente a toxicod dependência e a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, são mais favoráveis do que no distrito de Lisboa.

Embora a sobreposição epidemiológica das duas infecções seja bem conhecida, estes valores encontram a sua melhor explicação na desertificação humana e material dos dispensários antituberculosos que, apesar das condições precárias, se mantiveram a traba-

lhar em Lisboa. Num relatório da DGS de 1997 são referidos a grande taxa de interrupções de tratamento e a falta de tratamentos objectivamente observados como as falhas mais importantes a registar. Isto significa falta de luta anti-tuberculosa organizada.

Os médicos que se dedicam ao tratamento de tuberculosos têm chamado repetidamente a atenção dos responsáveis para este panorama sombrio. Neste momento, há alterações de discurso dos expoentes máximos do Ministério da Saúde, trazendo a tuberculose para a esfera das preocupações. Temos, contudo, consciência de que, apesar do discurso, a morosidade das medidas organizativas coloca o risco de passarem os políticos actuais e ficar o problema, como tem acontecido noutras alturas.»

O «*combate à doença na comunidade*» será para outra ocasião, qual ponto da situação para conhecimento de quem lida com os Pobres.

**PARTILHA** — De «*uma assinante de Paço de Arcos*», contributo de Fevereiro e Março, com «*saudações fraternas*», que retribuimos.

Assinante 35193, de Vila Nova de Gaia, um remanescente de contos. Idem, da assinante 30810, do Porto. Teresa, da Capital, com três mil, «*para ajuda na compra de remédios para um Pobre*», cuja intenção oferece «*a Deus por alma dos pais*».

Espinho, cheque de cinco mil. Outra presença amiga: o casal-assinante 19148, do Porto, que manda «*pequena 'partilha'*» que «*gostaria fosse gasta na despesa da farmácia dos Pobres*». E mais outra presença com a mesmíssima intenção, do assinante 21180.

O habitual donativo, do assinante 42971, de Ovar, destinado «*aos Pobres mais necessitados e envergonhados*». E mais, do Porto, assinante 33229: «*Tendo lido, n'O GAIATO, a nota 'Miséria envergonhada', mando cheque com o intuito de contribuir com esta pequena importância (2.500\$00) para tão triste situação. Chamo-lhe triste, mas de forma muito respeitosa, pois também eu e os meus passámos por situações semelhantes durante muitos anos, e sempre fomos compreendidos*». Este bom Amigo habita numa zona do velho Porto, que foi um dilatado «*barredo*».

Assinante 57002, da Senhora da Hora: «*Envio cheque de 30.000\$00 para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. É a minha pequena migalha dos meses de Maio e Junho e que poderão aplicar onde for mais necessária. Não é preciso agradecer, eu é que vos estou muito grata por poder participar, embora de longe e com tão pouco, na vossa acção de minorar o sofrimento dos nossos irmãos mais precisados. Peço uma oração por mim e pelos meus familiares*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**EXPO'98** — Recebeu também os nossos rapazes da Escola Primária.

Ficaram contentes e espantados com o que viram.

Trouxeram algumas coisas da Mascote da Expo'98.

Foram dois dias divertidos, fantásticos!

Na próxima edição teremos uma reportagem dos excursionistas.

**PISCINA** — Já está limpa. Agora, ficará a encher para podermos dar mergulhos. Entra o nosso passatempo de Verão, pois já tem havido ricos dias de sol!

**EXCURSÃO** — Recebemos, mais uma vez, uma grande excursão de S. Cosme — Gondomar.

Falo da «*excursão janota*» que nos visita todos os anos.

Ofereceram uma merenda. As pessoas cantaram todo o dia! Bons momentos passámos com eles! Obrigado.

**AMEIXAS** — Estão a ser colhidas para a sobremesa. Há uma boa produção.

A próxima fruta, para sobremesa, será pêra e maçã.

Rui Manuel

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS**

— Um dia destes, quando mais uma vez subíamos as escadas já velhas que rangem por todos os lados, à nossa passagem, chega-nos ao nariz um cheirinho a comida bem confeccionada. Comentámos, então, que a amiga que íamos visitar, se andava a tratar bem.

## RETALHOS DE VIDA

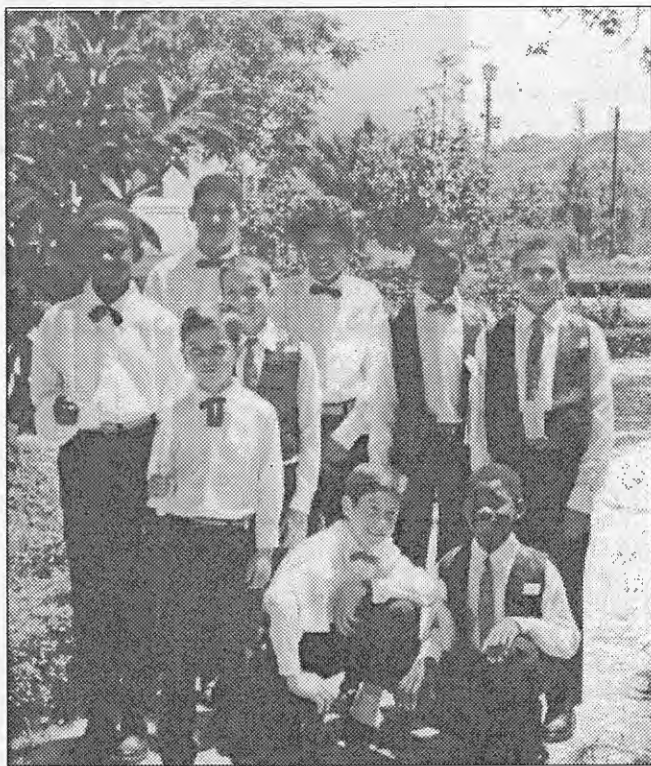
### «Pisco»

O meu nome: Bruno Miguel Almeida Pereira. Nasci a 5 de Maio de 1988, em Matosinhos. Os meus companheiros chamam-me «Pisco».

Quando era pequenino não sabia o que fazia. Brincava com a minha mãe e com o meu pai. Às vezes, tinha saudades da minha avó e do meu avô.

O meu pai, quando vinha bêbado, batia-nos; e, em casa, partia a loiça e punha-nos fora.

A minha mãe trabalhava num supermercado e o meu pai foi lá fazer barulho e bateu-lhe. Depois, ela foi despedida e trouxe-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa que me acolheu em 18 de Maio de 1995.



Primeira Comunhão e Baptizados — Tojal.

Chegados ao cimo das escadas, não vimos o fogão aceso. Perguntámos:

— Então, a senhora não está a fazer o almoço?

— Com quê?, pergunta ela, acrescentando: O meu filho mais velho deu com a caixa das minhas economias e roubou-mas. Tinha lá pouco, mas sempre dava para fazer qualquer coisita para enganar a barrega.

— Mas, então, donde vem este cheirinho que nos chega ao nariz?

— Ah!, isso é da senhora que mora por cima de nós. Ainda é quem me vai valendo. De vez em quando lá me chama, manda-me sentar numa cadeira e serve-me uma tigela de sopa quentinha, que até parece que me aquece a alma.

Tínhamos acabado de visitar outros amigos, e assistimos ao barulho da avó com os netos, por eles dizerem que não gos-

tavam da comida que lhes tinha preparado.

«Oh contraste!», diria Pai Américo acerca do que via quando andava pelas ruas de Miragaia a visitar os seus Pobres.

Acerca do caso que testemunhámos, Pai Américo escreveu: «Os vizinhos daquelas regiões conhecem-se. Fazem uns aos outros pequenos favores. Amam-se». Que bom seria que tudo fosse assim. Que fizessem «uns aos outros pequenos favores». De certeza que o mundo seria melhor. De certeza, também, não haveria tanta miséria, e principalmente a encoberta, que é o caso da maioria dos Pobres de hoje. É o caso desta nossa amiga que visitámos.

Há dias, estando ela a descansar um pouco, quando tinha acabado os tratamentos alguém se abeirou e meteu-lhe uma moeda na mão. Ela respondeu, «obrigado, mas eu não estou a pedir». Só Deus sabe das suas necessidades. No entanto, ela não pede. Enfim, a tal pobreza encoberta. «A tal pobreza envergonhada — a pobreza que mais faz doer», como Pai Américo escreveu no livro *Barredo*.

### SAIBAMOS REPARTIR

**O PÃO** — De Cantanhede, o assinante 17991 quer continuar a marcar presença, que já vem sendo habitual, enviando 25.000\$00. Ana, de Lisboa, um cheque de 2.500\$00. Castelo Branco marca presença com Hídio, que nos envia um donativo de 8.000\$00. J.R.D., como habitualmente, 2.000\$00. Maria Gomes, de Lisboa, cheque de 10.000\$00. F.C., roupas para o enxoval do bebé do casal jovem.

A todos, o muito obrigado dos nossos amiguinhos; e Pai Américo, lá do Céu, vos abençoe.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

## TOJAL

**PISCINA** — Finalmente, começou a funcionar. Depois duma boa limpeza já nos é possível matar as saudades, deliciando-nos com bons mergulhos.

**SINTRA** — A piscina também está a encher. E, como já nos encontramos perto das férias, entre os rapazes há o interesse de saberem em que grupo irão.

**AGRADECIMENTO** — Recebemos material de costura e meias de renda, assim como outras ofertas enviadas com muito carinho e ternura. Agradecemos terem escutado o nosso apelo.

**VISITANTES** — Agora, como o tempo está acolhedor, muitos Amigos nos visitam. A sua presença põe-nos muito felizes.

**COLHEITAS** — A chegada do Verão é, também, o tempo das colheitas: batata, feno, tomate... Graças a Deus por tudo o que nos dá.

Arnaldo Santos

## BENGUELA

**FUTEBOL** — Em Benguela, temos tido campeonatos de futebol a nível de zonas. O nosso começou a 6 de Junho, como dizia o secretário Honório, depois da reunião da comissão da zona F.

Custa-me a acreditar no apelo do secretário: — Não temos botas e equipamento para enfrentar a nova época!

Gostaria que os Leitores, de bom coração, atendessem a nossa súplica.

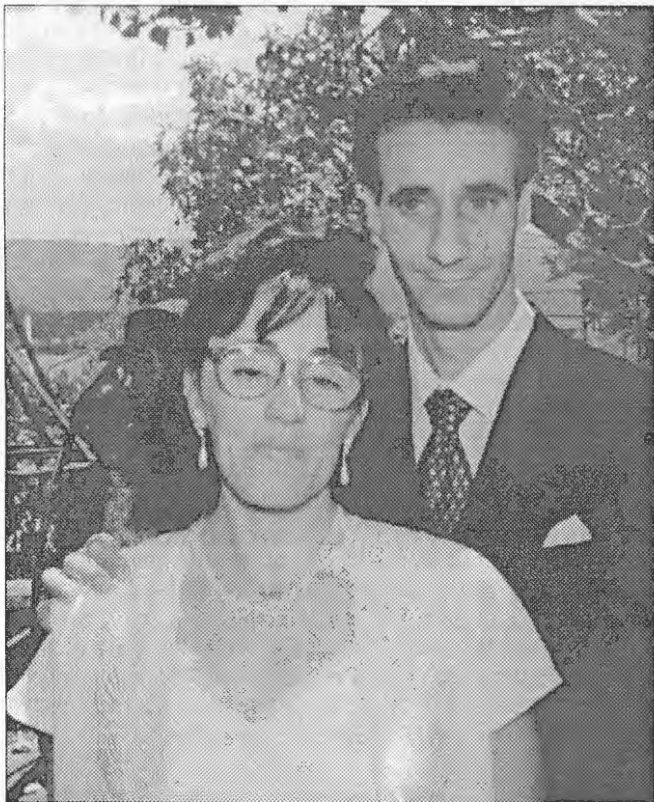
Ontem, depois da eleição do corpo directivo do sector do futebol, apresentei-a na reunião de chefes e foi aprovada com a recomendação de que fizesse tudo para correr bem.

Eis o corpo directivo do futebol: Lourenço Sapalo, responsável do desporto a nível da Casa; Honório Borges; secretário geral; Nelito Tchimuco, Dilé e Triguinho, secção médica do clube; Nelito dos Santos, disciplina; Leonardo, conselheiro da equipa; Luciano, treinador; Luís Alexandre, adjunto.

**CARAS NOVAS** — Acabaram de chegar mais seis rapazes, vindos do Abrigo dos Pequenos. Foi difícil arranjar-lhes lugar porque temos a Casa cheia. Ficámos um pouco mais apertados, mas eles não podiam esperar mais tempo. Espero que se sintam felizes e livres nesta sua nova Casa.

Lourenço Sapalo

# Tribuna de Coimbra



Casamento de Maria Celeste e António Miguel, em 14 de Junho, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

## Mês recheado de belos acontecimentos

O casamento do nosso Miguel abriu em Junho um calendário festivo. Nosso, como os demais, quase todos desde pequeninos — recordámos na Eucaristia — aqui foi criado e se tornou homem, com o seu emprego e casa própria. Esta, a sua segunda família. Família que ele adoptou livremente e nela permaneceu até constituir a sua, dando sempre um grande testemunho de amizade e responsabilidade diante de todos. Já homem e serviço militar cumprido, estamos a vê-lo, sem problema algum, de saca às costas a ensinar a distribuição do Jornal aos mais novos, particularmente na Vila de Ceira, onde se mostrou vendedor exímio em

virtude e dotado de um grande sentido de responsabilidade. Não admira que, por isso mesmo, haja ainda gente, em Ceira, que o recorda com saudade e estima.

Nestes últimos anos foi na Casa-Mãe que mostrou a sua melhor dedicação. Os mais pequenos eram objecto da sua protecção e atenção desveladas, coadjuvando assim, em modo próprio, o difícil trabalho das senhoras. Os mais pequenos foram também o maior grupo cá de Casa que no dia do seu casamento o acompanhou desde a nossa capela até à boda.

Outra nota festiva: os cinquenta anos de D. Maria da Luz, totalmente dedicados aos Rapazes da Casa do Gaiato. Senhora de rara sensibilidade e abnegação em prol dos necessitados. Dona de um profundo sentido de maternidade espiritual. Foi uma verdadeira mãe. Padre Horácio, na Eucaristia a que presidiu, assinalando a parte mais importante desta comemoração à qual se

associaram os Padres da Rua, direcção da Associação dos Antigos e actuais Gaiatos, assim recordou passos firmes e dedicados da vida desta senhora. Já na sala de jantar D. Maria da Luz agradeceu a todos, emocionada, especialmente aos Rapazes do Lar que a surpreenderam com as maravilhosas quadras que diante de todos lhe dedicaram. D. Maria da Luz tem sido um grande testemunho para todos nós. Deus a conserve e por ela chame outras a seguir estes passos.

O encontro anual dos Antigos Gaiatos foi outro momento alto deste mês. Foi o encontro de uma família que não se parte. Ponto alto, a Eucaristia. A seguir, o almoço primorosamente confeccionado pela mulher do Humberto, coadjuvada por outras mulheres de gaiatos. De destacar a dedicação da Direcção para que tudo decorresse em boa ordem.

A Profissão de Fé, a Primeira Comunhão e Baptismos fecham com chave de oiro este mês, recheado de

acontecimentos tão belos. Foram Baptizados: o Emanuel «Fininho», o Victor António «Vinha», Zé e David — os «Gêmeos». O Baptismo deles traz-nos à memória a história de cada um. Uma história de sabor baptismal, onde os elementos «morte» e «vida» se entrelaçam de forma singular dando vitória à vida. Como recordei nesse dia o meu primeiro encontro com os «Gêmeos»!... O que Deus faz e realiza é surpreendente. Que o homem não desfaça! Antes, ampare e promova. Recordei-os ao nosso Deus Bom e Vivo. Lembrei os pais de cada um. Todos já faleceram. São vivas as mães. Recordei-as também. Elas que correram o risco de os acolher e que por tantos motivos não os puderam criar. São merecedoras do nosso respeito e ajuda. Pedi a Deus que nos colocasse sempre do lado da vida que nos olhos de cada um faisca — cheia de esperança.

Padre João

**IMPORTANTE** — Chamo-me Zacarias Máquina Martins. Estou na Casa do Gaiato de Benguela desde 14/02/95.

Sou louco por música! O meu sonho é cantar e, qualquer dia, ser um músico. Já tentei uma experiência deste meu sonho, em nossa Casa, na Festa do Natal e no Dia Mundial da Criança, em 1 de Junho deste ano. As animações têm decorrido bem, mas falta uma coisa muito importante: instrumentos musicais...

Gostaria muito dum órgão, por exemplo. Estou na nona-classe e tenho, 17 anos.

Zacarias

## Aviso prévio

Atenção! Cautela!  
A vida é livre  
E simples.  
Mas também é triste  
Se abusarmos dela.

Atenção! Cautela!  
A vida é amor  
E esplendor.  
Mas também é dor  
Se abusarmos dela.

Atenção! Cautela!  
A vida é bela  
Vivida em festa.  
Mas também doença  
Se abusarmos dela.

Atenção! Cautela!  
A vida é partida  
Para novos espaços.  
Mas também estilhaços  
Se abusarmos dela.

Atenção! Cautela!  
A vida é boa sorte  
E destino que se constrói.  
Mas também é morte  
Se abusarmos dela.

Manuel Amândio

## SETÚBAL

**QUINTA** — Em Maio, regámos e plantámos couves, sachámos milho, feijão e abó-

borra; sulfatámos a vinha, batata e feijão; e arrancámos a erva da batata.

Transplantámos o primeiro tomate — adubámos, sachámos, regámos e demos química; e, também, semeámos milho. Mas primeiro tivemos de preparar bem o terreno.

Entretanto, apanhámos feijão, fava e ervilha. Vão saber mesmo bem, quando estiverem nos nossos pratos, com a boa comidinha que a senhora sempre faz.

Ricardo Garcia

**PISCINA** — A nossa piscina está cheia e com água limpinha.

No último fim-de-semana, fartámo-nos de nadar, dando mergulhos e brincando à volta dela.

A malta consola-se a tomar banho todo o dia, no sábado e no domingo. À semana, ao fim da tarde, depois da escola e das obrigações.

Com este calor, vem mesmo a calhar!

Carlos Nascimento

## MIRANDA DO CORVO

**ANTIGOS GAIATOS** — No dia 21 de Junho comemorámos o dia dos antigos gaiatos, dia importante porque reúne uma grande família.

**JUBILEU** — Há dias, celebrámos a festa da senhora D. Maria da Luz. Fez cinquenta anos que está connosco. Criou centenas de rapazes. É muito cuidada em tudo o que faz. Gosta de todos os rapazes e cria-os de uma forma muito carinhosa. Anda muito cansada, mas ainda continuará.

**OUTRAS FESTAS** — Apesar das férias, continuamos a trabalhar, regando o milho, por exemplo. No entanto, já estamos a preparar as cerimónias

do Baptismo e da Primeira Comunhão.

Será uma festa maravilhosa para nos prepararmos para a vida, para todos sermos homens e não seguir o caminho do mal, mas o do bem.

**PRAIA** — Agora, está muito calor. Precisamos de regar as plantas, o milho e outras coisas mais. Daqui a três semanas, seguiremos para a praia — para nos divertirmos mais, no dia-a-dia.

Hugo Vieira

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

**19 DE JULHO** — Mais um ano passou, desde o último convívio.

Chegámos a mais uma data — 16 de Julho — em que comemoraremos a partida de Pai Américo para o Céu.

Mais uma vez, vamos fazer o nosso convívio. Como os mais anos, uma festa simples, o mais familiar possível.

Será no dia 19 de Julho, domingo, que reuniremos com nossas famílias, em Paço de Sousa, com um programa simples, iniciado com provas de atletismo para todas as idades; um desafio de futebol entre casados e solteiros; pelas 11,30 h., será deposto um ramo de flores na sepultura de Pai Américo.

Às 12 h., a nossa Eucaristia dominical, celebrada pelos nossos Padres, presentes em Paço de Sousa. A seguir, o almoço-convívio.

Foi resolvido e aprovado por todos os presentes — na última reunião-convívio, na casa de Azurara — que cada casal leve o seu farnel, entregando-o a uma equipa que se encarregará da sua distribuição pela mesa ou mesas que haja na altura. Pensamos que, assim, o convívio

# SETÚBAL

Continuação da página 1

Cada caso que a Obra da Rua acolhe na sua família é uma opção pelo sim à vida.

A nossa pobreza, a nossa paternidade é inserção na Igreja como prolongando a acção do Bispo a dar-lhe toda a legitimidade para defender a vida.

Jesus não fez de outro modo. Pregando a Vida e só a Vida; por ela deu a Sua vida para nos dar a Vida: — a Ressurreição na Eternidade.

Não nos espanta que o sim à morte seja largo. Não nos espanta. O mundo, na sua mesquinha visão, foi sempre assim.

Há anos fui chamado a Lisboa para assistir uma octogenária moribunda. O filho único pediu-me muito que não demorasse que a sua mãe poderia morrer a qualquer instante. Fui prontamente. Era pessoa a quem devia obrigações. O que lhe afligia a alma, e naquela hora com mais violência, eram dois abortos que havia perpetrado,

também por razões económicas e que agora desejaria nunca ter feito: — *Meus ricos filhos!*, chorava anargamente.

Vêm-me à memória as ideias do Salmo 35.

*A maldade fala ao ímpio no seu coração. A seus olhos não existe o temor de Deus. Mas a si próprio se ilude para não descobrir nem odiar a sua iniquidade.*

Quanta gente pensa ser capaz de calar a voz da natureza? Mesmo que o sim à morte ganhe, a voz da natureza é irremovível. E a natureza ninguém a altera nem com referendos.

\*\*\*

**FESTAS** — Hoje, 4 de Julho, sábado, apresentaremos a nossa Festa na Escola Salesiana do Estoril, para os Amigos de CASCAIS e do ESTORIL.

Padre Acílio

Continuação da página 1

todas as crianças de Angola.

Que ninguém pense que se trata dum trabalho fácil e rápido. É que, para além das condições materiais, há que fazer um serviço de educação prévio. Quanto nos tem

vio será melhor. No entanto, fica o critério de cada um, no que se refere à entrega ou não, do respectivo. Claro que não nos iremos esquecer de levar o bolinho para os mais novinhos.

Contamos que o vinho seja oferta da Casa, como vem sendo hábito. Mas se não puder ser, a fonte de S. João ainda não seco.

Pai Américo ficará muito contente com a nossa presença. Portanto, façamos deste dia o dia *santo* da Casa do Gaiato.

Valdemar Soares

# Benguela

custado ajudar estas crianças a usar bem tudo o que pomos à sua disposição? É uma subida. Custa sempre subir. Quem persevera e tem paciência alcança, não tenho dúvidas. Mas que custa, é verdade.

Por isso, não estranhemos que a superabundância de Organizações Não Governamentais que chegam a Angola não resulte tanto quanto seria de esperar. O trabalho de formação e educação é lento. Pede um acompanhamento estável e

dinâmico, ao longo de anos. Não se compadece com idas e vindas provisórias. Alguma coisa se faz e de muito valor, com custos elevados, em que uma boa parte não chega directamente aos destinatários. Esta situação muito normal, em que Angola vive, explica, em parte, o que está a acontecer. Não há dúvida, porém, que, se não fosse a ajuda que vem das organizações, a catástrofe seria muito maior.

As crianças estão no centro das nossas atenções. Quem nos dera poder responder sempre ao olhar suplicante de ajuda, para cima, que nos vem da multidão de crianças que encontramos todos os dias. Obrigado.

Padre Manuel António

## «PADRE AMÉRICO-MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

# Despachamos livros todos os dias!

O Reitor dum santuário mariano, assinante n.º 2 d'O GAIATO, afirma:

«Sinto mesmo 'sede' por esta obra que recebi! E sinto-me também sempre unido a vós. O meu abraço a esculpir para todos...»

Não privou, de perto, com Pai Américo, mas sabe que foi mestre d'Oração, segundo a doutrina da Comunicação dos Santos. Orava com o Terço ou a dezena em mãos, na terra, mar ou ar.

O assinante 28479, ilustre General do nosso Exército, recorda a forma de como Pai Américo se dirigia a toda a gente, anunciando o amor da sua vida — Cristo Jesus:

«De há muito faço habitualmente momentos de meditação, de verdadeira oração, pela leitura d'O GAIATO, muito especialmente dos textos do Padre Américo. Contactei com ele, aí. E não mais se apagou da lembrança, certa vez, em que desceu da sua varanda para saudar um grupo de jovens militares que me acompanhavam. Falou com tal simplicidade — e tal força interior — do que era o amor de enamorados que todos ficaram presos. Era verdadeiramente o porta-voz do Espírito de Deus.»

Que dizer, ainda, de quando falava da Obra da Rua, dos Pobres, em auditórios heterogénios, ditos profanos — teatros, cinemas, casinos, esplanadas... Delicadamente, em um ou outro arroubo, com sua alma em chamas, pedia aos ouvintes licença para revelar Verdades da Fé: «Eu peço licença às senhoras e às senhores para...» Era acolhido com respeito.

Já que estamos em maré viva, que dizer também do seu manifesto Silêncio, diríamos religioso, na visita aos Pobres, nos barredos de Portugal!? Assim, recolhia Força para incendiar as almas com a Oração do Pobre.

Outras vezes, a par ou em grupo, largava-nos; fugia sem dar cavaco! «Eu sou um fugitivo...!» — dizia. Indelicadeza que o mudava de linha para mais vastos horizontes.

Voitemos à correspondência dos Leitores.

A assinante 27779, de Campo Maior, no coração do Alentejo, exulta desta forma:

«Bem haja por me terem enviado o livro Padre Américo-Místico do nosso tempo. Não será para ler, mas sim para meditar e procurar o Senhor pelo santo Sacerdote que se preocupou com os Gaiatos, os Pobres, os Doentes. Já lá vão quarenta e cinco anos que recebo O GAIATO onde aprendo a amar a Deus e os irmãos que precisam. Que o Padre Américo, em sua espiritualidade, seja um exemplo para todos os Sacerdotes.»

Temos montes de cartas sobre o livro, recebidas de todo o mundo! Tesouros que revelaremos na medida do possível.

Por amor à verdade, na última edição d'O GAIATO, a equipa do «Basófia» não conseguiu despachar todos os postais RSF (resposta sem franquia)! Mas, os Leitores, que não são assinantes da Editorial, suprem o facto e requisitam, por suas mãos, o novo livro.

Júlio Mendes

coragem e valentia. É arriscar muitas coisas da vida. É uma aventura, geralmente, gratificante.

Neste tempo em que são anunciadas promessas de tantas facilidades económicas para a aquisição de habitação, sobretudo às classes jovens, cremos que é incúria não aproveitar estas facilidades.

A aquisição de habitação própria foi e será, sempre, para a maior parte dos casais, um grande problema da vida. Exige muito esforço de vontade e renúncia a muitas coisas apetecíveis. Exige sacrifícios que, vistos à distância, parecem impossíveis. Mas, ultrapassando a timidez, consegue-se chegar ao termo com a sensação de vencedor.

Na nossa vida de andantes temos de testemunhar a vitória de muitos lutadores. Todos aqueles que começaram por adquirir o terreno, e que depois foram comprando materiais, logo que puderam, começaram a construir. Já com alguma coisa à vista, contraíram o empréstimo. Lutaram e conseguiram meter-se lá dentro. Foram acabando lentamente e cantaram vitória. Têm uma habitação que é sua. Outros adquiriram casa já feita. Foi necessário contrair empréstimo. Não podem faltar, mensalmente, com a amortização da dívida. Têm que poupar e privar-se de bens que parecem necessários. Mas, geralmente, sentem alegria de viver naquilo que é seu e fruto de si próprio. É alegria que não tem preço.

Conhecemos, também, muitos casais marcados pela indolência. Duvidam da sua capacidade. Antes preferem viver à sombra do que arriscar-se. E vão-se queixando sempre.

A vitória foi e será dos heróis. Só estes podem cantar vitória. Cantemo-la com o nosso esforço de vontade. Não podemos, nem devemos, deixar passar as boas ocasiões em vão e passarmos a vida sempre à espera do que há-de vir.

Padre Horácio

## PENSAMENTO

Oh mundo arrepende-te! Oh mundo ama! Oh mundo fecha os calaboiços à Criança e abre-lhe as portas do teu coração!

PAI AMÉRICO

# Património dos Pobres

Habitações à espera que apareçam donos

FALCEU o Homem do qual deram o nome a um dos bairros habitacionais da cidade. Mudaram os tempos e vão mudando as ideias. As habitações, sem dono próprio, vão ficando arruinadas sem haver quem olhe por elas.

Agora, parece ter chegado o momento de dar dono às moradias que o não têm. A autarquia ficou proprietária das cento e três habitações e inclina-se para vender aos locatários os andares a preços simbólicos, entre dois e cinco mil contos, aproveitando as facilidades que são, agora, concedidas ao crédito à habitação.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 68.750 exemplares.

Estas moradias estão a ficar abandonadas e necessitam de reparações interiores e exteriores cujo orçamento ronda os duzentos e vinte contos cada e há ainda arranjos exteriores que custarão mais quarenta e cinco mil escudos.

Parece-nos uma ocasião propícia para os ocupantes que tenham coragem de adquirir habitação própria. É um acto de

Blocos com muitas casas à espera de donos próprios



# CALVÁRIO

## A nódoa

A cidade moderna é das que melhor souberam crescer. Ruas largas com árvores a bordar, cascatas de água nas rotundas verdes e monumentos a lembrar heróis e acontecimentos dão-lhe graciosidade e nobreza.

Estruturas administrativas, industriais, culturais e desportivas oferecem resposta aos problemas da população. Regalo de cidade!

Dela vêm por aí fora uns senhores aflitos com uma nódoa que cafu inesperadamente no tecido imaculado da povoação. E contam a história.

Um pobre homem, a viver só, vê arder-lhe a casita e fica sem nada nem ninguém. Com o saco às costas do pouco que escapou à fogueira, claudicando, entra timidamente nas

ruas da cidade. Olhando como estranho avança sempre. Cansado de deambular, penetra no átrio dum grande centro comercial e aí instala-se à espera não sabe bem de quê. Os dias passam e ele não sai do sítio que elegera para morar. A sua presença incomoda.

— Sabe, a gente tem pena do pobre homem — afirmam.

Digo para os meus botões: — Não terão antes pena da cidade que está a ser conspurcada com a presença do peregrino intruso?

— E ele quer vir?, digo.

— Então, não há-de querer?, respondem-me.

Torno para os meus botões: — Estes senhores querem-no a todo o custo fora do seu meio!

— Que venha, pois temos sempre lugar para os sem-ninguém.

Noutros tempos os Pobres encaminhavam-se até às portas da igreja e eram reco-

lhidos carinhosamente em abrigos, em hospedarias. Hoje, as novas igrejas que são os grandes centros de comércio, não dão pou-sada a quem não traga dinheiro, pois é a ele que ali se adora.

É certo que estão a construir-se por todo o lado estruturas adequadas para crianças, jovens e idosos carenciados. Mas a interrogação é pertinente: serão estas estruturas para as pessoas ou não serão, pelo contrário, as pessoas para as estruturas?

Lembro-me de, em tempos, alguém crendenciado por uma Instituição, com modernas instalações para acamados, vir até aqui pedir-me dez doentes, mentalmente normais, para a inauguração do edifício que construiram, em troco de dois doentes anormais que viviam no velho casarão e não podiam transitar para o novo edifício, pois iam incomodar.

Compreendi a subtilidade da proposta: receberiam subsídio do Estado por dez doentes e viam-se livres de dois indesejáveis.

Aqui as estruturas não eram para as pessoas, mas estas para aquelas. Evidentemente que recusei o negócio destes adoradores do deus dinheiro, que é servido por quem tem horizontes rasteiros.

O nosso pobre homem é lavado, barbeado, vestido e num instante fica outro, feliz e encantado.

Já anda pelos jardins a limpar, quando antes sujava e perturbava.

Passo pela rouparia. A Maria está de escova na mão às voltas com uma peça de roupa.

— Isto vai ficar limpo. A nódoas vão sair.

Só o amor e o zelo são capazes de limpar as nódoas por maiores que sejam.

Padre Baptista